



V CONGRESSO SUDESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Tema: Educação Física/Ciências do Esporte: políticas, dilemas e controvérsias.

25 a 27 de Setembro na Universidade Federal de Lavras (MG)

O ESPORTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO

Cristiane Cassimiro de Jesusⁱ
Natália Roberta Vieiraⁱⁱⁱⁱ
Vivian Maria dos Reisⁱⁱⁱⁱ

PALAVRAS-CHAVE: Esporte; Educação Física; Reconstrução do Esporte Escolar.

INTRODUÇÃO

A partir da nossa inserção, no segundo semestre de 2012, como bolsistas do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), atuando junto ao Instituto de Educação de Minas Gerais (IEMG), realizamos um diagnóstico sobre como eram as práticas nas aulas de Educação Física.

Percebemos que o principal tema destas aulas eram sempre os esportes, principalmente o futebol e o vôlei. Nestas aulas, os alunos somente jogavam, buscando características e performance do alto rendimento, os esportes não eram trabalhados de formas sistematizadas, abordando sua história, regras, trabalhando o olhar crítico dos alunos visando sua emancipação, oportunidade de participação e aprendizagem de todos, trabalhar maior números de modalidades esportivas, entre outros.

De acordo com Vago:

É preciso realizar um ensino de esportes na Educação Física que não estejam aprisionados (nem asfixiado) a critérios como os de seleção, exclusão, performance, rendimento, vitória, entre outros. Critérios que não devem ter lugar na escola, já que devemos respeitar o princípio de que tudo o que nela se pratica é um direito dos estudantes. (VAGO, 2009, p.39)

A partir disso, tínhamos como objetivo, desenvolver e elaborar estratégias que visassem a desconstrução do esporte “na escola” e construção do esporte “da escola”.

"Um esporte que tenha a marca distintiva da escola: que seja um direito para todos, porque todos podem dele usufruir. Um esporte que não esteja submetido aos princípios do esporte de rendimento, que não pode ser tomado nem confundido como referência para a organização da Educação Física na escola. Sim, porque a referência da Educação Física na escola são os estudantes, suas histórias, suas culturas, seus interesses, seus direitos" (VAGO, 2009, p.38).

Para isso, propomos um trabalho sobre modalidades esportivas, contendo pesquisa sobre sua história, regras, modo de se jogar, representação em maquete ou cartaz sobre o espaço que é jogado, curiosidades, sua difusão na mídia, sua relação com a sociedade, além de que deveriam criar ou modificar regras da modalidade para que a mesmo possa ser jogada na escola, de acordo com sua realidade e que visasse a participação de todos. Em seguida, os alunos apresentaram suas pesquisas e foram feitas discussões sobre as questões do trabalho. Juntamente, foram realizadas aulas práticas para vivência e possibilidade de reconstrução do esporte.

Após todas as apresentações dos trabalhos e aulas, percebemos que, através de um diálogo entre professor e aluno visando à construção de conhecimento, é possível desenvolver aulas permitindo à desconstrução do esporte na escola e a construção do esporte da escola:

"Um esporte que tenha a marca distintiva da escola: que seja um direito para todos,



V CONGRESSO SUDESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Tema: Educação Física/Ciências do Esporte: políticas, dilemas e controvérsias.

25 a 27 de Setembro na Universidade Federal de Lavras (MG)

porque todos podem dele usufruir. Um esporte que não esteja submetido aos princípios do esporte de rendimento, que não pode ser tomado nem confundido como referência para a organização da Educação Física na escola. Sim, porque a referência da Educação Física na escola são os estudantes, suas histórias, suas culturas, seus interesses, seus direitos" (VAGO, 2009, p.38).

Através destas aulas, buscávamos juntamente com os alunos fugir, principalmente, dos padrões impostos pela mídia, que retrata apenas os aspectos do esporte de rendimento. Além disso, nestas aulas permitimos aos alunos a capacidade de criar, na perspectiva de que todos os alunos pudessem participar, interagir, aprender e compreender que a escola não deve ser ferramenta de reprodução dos estereótipos que encontramos na sociedade.

O trabalho com os esportes são marcas evidentes da Educação Física em diversas escolas, sendo que o seu desenvolvimento depende da forma como o professor ministrará este conteúdo em suas aulas.

Segundo Vago (2009), uma prática pedagógica de Educação Física que não contemple o esporte é empobrecedora. Mas, em sentido inverso, um projeto de Educação Física que só contemple o esporte é igualmente empobrecedor da formação cultural que ela pode oferecer a crianças, jovens e adultos.

Como percebemos que o esporte é marca forte no IEMG, queríamos, juntamente com os alunos, reconstruir este esporte, no qual era trabalhado com vinculação submissa ao esporte de alto rendimento.

Entretanto, com nossas ações, visávamos trabalhar com os alunos a capacidade inventiva para organizar uma cultura escolar do esporte do IEMG, que durante a sua organização e prática tivesse como referência a sua própria realidade e que em nenhum momento baseia-se aos princípios do alto rendimento, destacando as idéias de seleção, rendimento, exclusão, performance, a busca incessante pela vitória, etc.

Assim, acreditamos que alcançamos os nossos objetivos, pois os alunos compreenderam que não é e nem deve ser obrigação da Educação Física escolar formar atletas. Além disso, passaram a ver as aulas como possibilidade de construção de conhecimento e atribuição de sentido e significado sobre as práticas que estavam sendo realizadas. E o mais importante: perceberam que passaram a ser considerados sujeitos das ações nas aulas, pois tiveram a possibilidade de criarem, intervir nas aulas, socializar conhecimentos, produzindo assim a cultura escolar, a cultura do IEMG, ou melhor, a cultura do esporte do IEMG.

Através destas aulas, buscávamos juntamente com os alunos fugir, principalmente, dos padrões impostos pela mídia, que retrata apenas os aspectos do esporte de rendimento. Além disso, nestas aulas permitimos aos alunos a capacidade de criar, na perspectiva de que todos os alunos pudessem participar, interagir, aprender e compreender que a escola não deve ser ferramenta de reprodução dos estereótipos que encontramos na sociedade.

O trabalho com os esportes são marcas evidentes da Educação Física em diversas escolas, sendo que o seu desenvolvimento depende da forma como o professor ministrará este conteúdo em suas aulas.

Segundo Vago (2009), uma prática pedagógica de Educação Física que não contemple o esporte é empobrecedora. Mas, em sentido inverso, um projeto de Educação Física que só contemple o esporte é igualmente empobrecedor da formação cultural que ela pode oferecer a crianças, jovens e adultos.

Como percebemos que o esporte é marca forte no IEMG, queríamos, juntamente com os alunos, reconstruir este esporte, no qual era trabalhado com vinculação submissa ao esporte de alto rendimento.



V CONGRESSO SUDESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Tema: Educação Física/Ciências do Esporte: políticas, dilemas e controvérsias.

25 a 27 de Setembro na Universidade Federal de Lavras (MG)

Entretanto, com nossas ações, visávamos trabalhar com os alunos a capacidade inventiva para organizar uma cultura escolar do esporte do IEMG, que durante a sua organização e prática tivesse como referência a sua própria realidade e que em nenhum momento baseia-se aos princípios do alto rendimento, destacando as idéias de seleção, rendimento, exclusão, performance, a busca incessante pela vitória, etc.

Assim, acreditamos que alcançamos os nossos objetivos, pois os alunos compreenderam que não é e nem deve ser obrigação da Educação Física escolar formar atletas. Além disso, passaram a ver as aulas como possibilidade de construção de conhecimento e atribuição de sentido e significado sobre as práticas que estavam sendo realizadas. E o mais importante: perceberam que passaram a ser considerados sujeitos das ações nas aulas, pois tiveram a possibilidade de criarem, intervir nas aulas, socializar conhecimentos, produzindo assim a cultura escolar, a cultura do IEMG, ou melhor, a cultura do esporte do IEMG.

Portanto:

É possível organizar práticas de esporte que tenham como orientação pedagógica a própria escola e o seu público, que são crianças, adolescentes, jovens, adultos, e não atletas. E todos com o potencial para experimentar o esporte como prática cultural, tanto quanto a dança, os jogos, os brinquedos... Então, em vez de se preocupar em encontrar “talentos esportivos”, é importante preocupar-se com aqueles que já encontramos todos os dias nas escolas, que lá estão exigindo nosso respeito à sua potência de aprender, de experimentar, de conhecer, de fazer de muitos jeitos. (VAGO, 2009, p.39)

REFERÊNCIA

VAGO, Tarcísio Mauro. Pensar a Educação Física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. Caderno de Formação RBCE, p.25-42, set. 2009.

FONTE DE FINANCIAMENTO

CAPES E PIBID

ⁱCristiane Cassimiro de Jesus, estudante de Educação Física da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). E-mail: cristianecdj@yahoo.com.br.

ⁱⁱNatália Roberta Vieira, estudante de Educação Física da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). E-mail: natyrv@yahoo.com.br .

ⁱⁱⁱVivian Maria dos Reis, Professora Licenciada Plena do curso de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora, Professora coordenadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID). E-mail: virb@terra.com.br